

INTRODUÇÃO



1

OBJETIVO DESTA OBRA

Os assuntos contidos nos Evangelhos, isto é, no Novo Testamento, podem ser divididos em cinco partes:

- 1 – Os atos comuns da vida de Cristo.
- 2 – Os milagres.
- 3 – As predições.
- 4 – As palavras que serviram para estabelecer os dogmas da Igreja.
- 5 – O ensinamento moral.

Se as quatro primeiras partes têm sido objeto de discussões, o *ensinamento moral* permanece inatacável e, diante dele, até mesmo os incrédulos se curvam. Ele é o terreno onde todas as religiões podem se encontrar e a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, sejam quais forem suas crenças. O *ensinamento moral* nunca foi motivo de disputas religiosas, como acontece com as questões de *dogma*.

Dogma – É uma verdade indiscutível que as religiões impõem para acomodar e justificar certos pontos de suas crenças, na qual a fé se sobrepõe à razão. Não cabem discussões a respeito dos dogmas; eles devem ser aceitos e seguidos. Por esse aspecto, a Doutrina Espirita não é dogmática, pois entende que a fé deve ser raciocinada, e todos os fenômenos devem estar apoiados em Leis Naturais.

Se o ensinamento moral fosse discutido, as seitas teriam encontrado nele a sua própria condenação, pois a grande maioria está ligada mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo.

Este código moral chamado Evangelho constitui, para os homens, uma regra de conduta que abrange todas as circunstâncias da vida, seja ela pública ou privada. É o princípio de todas as relações sociais baseadas na mais rigorosa justiça. É o caminho da felicidade tão esperada, uma ponta do véu que se levanta em direção à vida futura.

O ensinamento moral será o tema exclusivo desta obra.

Todos admiram a moral evangélica e exaltam a sua sublimidade e necessidade. Muitos a divulgam por acreditar no que ouviram falar, ou se apoiam em ensinamentos bíblicos que se tornaram provérbios populares. Entretanto, são poucos os que conhecem a *moral evangélica* a fundo, e menos ainda os que a compreendem e sabem aproveitar seus ensinamentos, retirando dela benefícios para si mesmos.

Um dos maiores motivos para que isso aconteça é a dificuldade que a leitura do Evangelho oferece, sendo de difícil entendimento para a maioria de seus leitores.

A forma figurada e o mistério intencional que a linguagem encerra fazem com que as pessoas leiam o Evangelho por descargo de consciência, por dever, assim como leem as preces que não compreendem e, por isso, não retiram delas nenhum proveito.

Os *ensinamentos morais* passam despercebidos, pois estão espalhados no texto, em meio a uma grande quantidade de narrativas. Fica impossível compreendê-los como um todo, razão pela qual o Evangelho não é utilizado como livro de leitura e nem como tema para meditação.

É bem verdade que muitos tratados de moral evangélica foram escritos, mas, ao serem adaptados ao estilo literário moderno,

perderam a espontaneidade original que lhes conferia, ao mesmo tempo, o encanto e a autenticidade.

O mesmo acontece com os *ensinamentos morais*, que foram retirados do Evangelho e reduzidos a simples provérbios. Hoje, eles não passam de ensinamentos que perderam uma parte de seu valor e de seu interesse, por não conterem mais as particularidades e as circunstâncias em que foram pronunciados.

Para evitar esses inconvenientes, reunimos, nesta obra, os artigos que podem formar um Código de Moral Universal, útil para todos e sem distinção de cultos.

Nas citações, conservamos tudo o que era útil para o bom desenvolvimento das ideias, excluindo apenas aquilo que não fazia parte do assunto.

Respeitamos, cuidadosamente, a tradução original de Sacy, assim como a divisão em versículos. Porém, não nos prendemos a uma ordem cronológica, sem real utilidade para este caso. Os ensinamentos foram agrupados e classificados de forma metódica, segundo a natureza de cada um, de modo que eles se completem, tanto quanto possível.

A ordem da numeração dos capítulos e dos versículos bíblicos foi mantida para consulta, se necessário. Esse foi apenas um trabalho material, que, por si só, teve apenas uma utilidade secundária. O mais importante foi colocá-lo ao alcance de todos, explicando as passagens de difícil entendimento e procurando adequá-las às diferentes situações da vida. Foi o que procuramos fazer com a ajuda dos bons Espíritos que nos assistiram.

Muitas passagens do Evangelho, da Bíblia e dos autores sagrados em geral não são entendidas. Muitas até parecem absurdas devido à falta de uma explicação que facilite a compreensão do seu verdadeiro sentido. Essa explicação encontra-se no Espiritismo, como já puderam constatar aqueles que estudaram seriamente a Doutrina Espírita e como irão constatar, também, aqueles que a estudarem mais tarde.

O Espiritismo é encontrado por toda parte na Antiguidade e em todas as épocas da Humanidade. Seus vestígios estão nas escrituras, nas crenças e nos monumentos. Assim, além de abrir novos horizontes para o futuro, lança também um esclarecimento sobre os mistérios do passado.

Para complementar cada ensinamento, adicionamos algumas instruções escolhidas entre as que foram ditadas pelos Espíritos em vários países e através de diferentes médiuns.

Se as instruções tivessem saído de uma única fonte, poderiam ter sofrido a influência pessoal do médium que as recebeu ou do meio onde ele se encontrava. O fato de as instruções terem chegado de diversos lugares, comprova que os Espíritos dão seus ensinamentos por toda parte, e que ninguém goza de qualquer privilégio. (*Ler, abaixo, explicações de Allan Kardec*)

Esta obra é para o uso de todos. Nela, qualquer um pode encontrar os meios de adequar sua conduta à moral ensinada pelo Cristo. Os Espíritas, de um modo especial, encontrarão, no Evangelho, um meio seguro de como aplicar a Doutrina Espírita na prática.

De hoje em diante, a Lei Evangélica, ensinada pelos próprios Espíritos a todas as nações, não será mais algo sem valor, pois os Espíritos estarão sempre em contato com os homens, através das constantes comunicações que se estabelecerão entre eles. Todos irão compreendê-la e serão incessantemente solicitados a praticá-la, aconselhados por seus guias espirituais.

As instruções dos Espíritos são as verdadeiras *vozes do Céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.

Explicações de Allan Kardec – Poderíamos fornecer, sobre cada um dos assuntos, um número muito maior de comunicações obtidas em muitas outras cidades e Centros Espíritas além das que foram utilizadas. Entretanto, preferimos evitar a monotonia das repetições inúteis. Por isso, escolhemos as comunicações de melhor conteúdo e as que mais se

enquadram nesta obra, reservando, para publicações posteriores, as que foram preteridas.

Quanto aos médiuns, evitamos nomeá-los, pois a maioria não quis se identificar. Sendo assim, não seria conveniente abrir exceções. Além do mais, seus nomes não teriam acrescentado nenhum valor à obra dos Espíritos. A citação de seus nomes serviria apenas para satisfação do amor-próprio, no qual os médiuns verdadeiramente sérios não estão interessados. Eles compreendem que o seu papel foi puramente passivo, e que o valor das comunicações em nada aumentaria seu mérito pessoal. Seria ingenuidade tirar vantagem de um trabalho de inteligência para o qual apenas prestaram um concurso mecânico.

2

AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA **Controle Universal do Ensino dos Espíritos**

Se a Doutrina Espírita fosse uma criação puramente humana, só teria por garantia o conhecimento daquele que a tivesse criado. Acontece que ninguém na Terra poderia ter a pretensão de possuir, sozinho, a verdade absoluta.

Se os Espíritos tivessem revelado a Doutrina Espírita a um único homem, nada poderia lhe garantir a origem, pois seria preciso acreditar na palavra daquele que a tivesse recebido. Mesmo que esse homem fosse portador de uma sinceridade absoluta, ele poderia, no máximo, convencer as pessoas de seu meio e até ter seguidores, mas jamais conseguiria reunir a todos.

Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por um meio mais rápido e mais autêntico; por isso, encarregou os Espíritos de a levarem de um polo ao outro, manifestando-se em todos os lugares, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir Suas palavras.

Um homem pode ser enganado ou enganar a si mesmo. Porém, não há como enganar milhões de pessoas quando elas veem

e ouvem a mesma coisa em vários lugares e ao mesmo tempo. Isto é uma garantia para cada um e para todos. Pode-se fazer desaparecer um homem, mas não se pode fazer com que desapareçam as multidões. Pode-se queimar livros, mas não se pode queimar Espíritos. Mesmo se todos os livros fossem queimados, a fonte da Doutrina Espírita não seria atingida, porque ela não está na Terra. Ela surge de todos os lugares e qualquer um pode receber os seus ensinamentos. Se faltassem os homens para propagá-la, haveria sempre os Espíritos que alcançam a todos e aos quais ninguém pode alcançar.

Portanto, são os próprios Espíritos que fazem a propagação do Espiritismo, com o auxílio de incontáveis médiuns que surgem de todos os lados. Se houvesse somente um intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo seria muito pouco conhecido. O próprio intérprete, independentemente de sua classe social, seria motivo de desconfiança, pois, além de ser questionado por inúmeras pessoas, não seria aceito por todas as nações. Entretanto, com os Espíritos se comunicando em vários pontos da Terra, com todos os povos, com todas as seitas e com todos os partidos políticos, eles acabam sendo aceitos por todos.

O Espiritismo não tem nacionalidade, não parte de nenhum culto existente e não é imposto por nenhuma classe social. Qualquer um pode se comunicar, através de médiuns sérios, com seus parentes e amigos que já desencarnaram, quando isso lhes é permitido.

Era preciso que o Espiritismo se mantivesse neutro para que pudesse conclamar todos os homens à fraternidade. Se ele não tivesse se colocado sobre esse terreno neutro, teria alimentado as desavenças, em vez de apaziguá-las.

A força do Espiritismo reside na maneira universal com que os Espíritos passam os seus ensinamentos, sendo essa, também, a causa de sua rápida propagação. A voz de apenas um homem, mesmo com a ajuda da imprensa, levaria séculos para chegar ao

conhecimento de todos. O mesmo não acontece quando milhares de vozes são ouvidas ao mesmo tempo, em vários pontos da Terra, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os de forma igual, a ignorantes e sábios, sem que ninguém seja excluído. É uma vantagem que nenhuma das doutrinas surgidas até hoje possuiu. Portanto, se o Espiritismo é uma verdade, ele não teme a má vontade dos homens, nem as revoluções morais, nem as transformações físicas do globo, porque nenhuma dessas coisas pode atingir os Espíritos.

Essa não é a única vantagem resultante da posição excepcional em que se encontra a Doutrina Espírita. O Espiritismo também tem uma poderosa garantia contra as divisões que poderiam nascer, quer pela ambição de alguns, quer pelas contradições de certos Espíritos. Essa garantia é a de que sempre prevalecerá o ensinamento da maioria diante daqueles que pensam primeiro em sua promoção pessoal. Essas contradições são, sem dúvida, um obstáculo, mas trazem consigo o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos possuem um nível de conhecimento, e que por isso estão longe de possuir, individualmente, toda a verdade. Não é dado a todos conhecer certos mistérios. O que cada um sabe é proporcional à sua elevação moral e intelectual, e a maioria dos Espíritos vulgares não sabe mais do que os homens. Ao contrário, às vezes sabem até muito menos.

Há, entre os Espíritos, como entre os homens, os arrogantes e os falsos sábios, que julgam saber o que, na realidade, ignoram e tomam suas próprias ideias como verdades. Existem, também, os Espíritos de ordem mais elevada, que já se encontram completamente desmaterializados e despojados das ideias e dos preconceitos terrenos.

Também sabemos que os Espíritos mentirosos não têm escrúpulos e que se apresentam com nomes conhecidos, para que suas ideias fantasiosas sejam aceitas. Todas as revelações que não trazem um ensinamento exclusivamente moral têm sempre um

caráter individual, sem garantia de autenticidade e, portanto, devem ser consideradas como opiniões pessoais deste ou daquele Espírito, sendo imprudência aceitá-las e propagá-las, levemente, como verdades absolutas.

O primeiro exame a que deve ser submetido tudo o que vem dos Espíritos é, sem dúvida, o da razão. Assim, toda teoria que contrarie o bom senso, a lógica e os conhecimentos já adquiridos deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o seu autor. Em muitos casos, esse exame é insuficiente devido ao pouco conhecimento de algumas pessoas e à tendência de muitos em considerar a própria opinião como sendo a única verdadeira. Os homens que não confiam de forma absoluta em si mesmos, buscam o parecer de um número maior de pessoas e procuram guiar-se pela opinião da maioria. É dessa maneira que devemos proceder com relação aos ensinamentos dos Espíritos, uma vez que são eles mesmos que nos fornecem os meios para exercer esse controle.

Quando os Espíritos concordam entre si a respeito do que estão nos ensinando, fica mais fácil fazer um controle sobre a veracidade do que estão transmitindo, mas é preciso que esse controle ocorra em determinadas condições. A maneira menos segura para se ter a garantia de que a comunicação é verdadeira, é quando o próprio médium pergunta a vários Espíritos acerca de uma questão duvidosa. É evidente que, se ele estiver sendo vítima de uma obsessão ou estiver em sintonia com um Espírito enganador, esse Espírito poderá lhe dizer a mesma coisa usando diferentes nomes. Também não existe garantia suficiente quando ocorre concordância sobre um determinado assunto, entre médiuns de um mesmo Centro Espírita, pois eles podem estar, todos, sob a influência de um Espírito mistificador.

A única garantia séria que existe quanto ao ensinamento dos Espíritos está na concordância das revelações recebidas em lugares diferentes, de maneira espontânea e por um grande número de médiuns estranhos entre si.

É claro que não estamos tratando aqui de comunicações relativas a interesses secundários, mas das comunicações que se referem aos princípios básicos da Doutrina Espírita. A experiência demonstra que, quando um ensinamento novo deve ser revelado, ele é ensinado *espontaneamente*, em diferentes lugares, ao mesmo tempo e de maneira idêntica, se não quanto à forma, pelo menos, quanto ao conteúdo.

Se um Espírito formular uma teoria baseada em suas próprias ideias e longe da verdade, podemos estar certos de que esta teoria ficará *limitada* em si mesma, e cairá diante da unanimidade das instruções vindas de todas as partes e de maneira idêntica, conforme já demonstrado por vários exemplos. Foi exatamente esta unanimidade que fez cair todas as teorias parciais surgidas no início do Espiritismo, época em que cada um explicava os fenômenos à sua maneira, antes mesmo que as Leis que regem as relações do Mundo Material com o Mundo Espiritual fossem conhecidas.

Essa é a base sobre a qual nos apoiamos para formular todos os princípios da Doutrina Espírita, ou seja, utilizar várias comunicações recebidas por diversos médiuns, em lugares diferentes, não havendo, entre eles, qualquer relacionamento.

Não é pelo fato de os princípios estarem de acordo com as nossas ideias que acreditamos que eles sejam verdadeiros, mas sim pelo fato de que eles tiveram a aprovação da maioria. Não nos colocamos, de modo algum, como árbitros supremos da verdade, e não dizemos a ninguém: “Acredita em tal coisa porque estamos lhe dizendo”. A nossa opinião não passa de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, porque somos tão falíveis quanto qualquer outra pessoa. Não é porque um princípio nos foi ensinado que devemos tomá-lo por verdadeiro, mas porque ele teve a concordância e a aprovação geral.

Na posição em que nos encontramos, recebemos comunicações de, aproximadamente, 1.000 Centros Espíritas sérios, espalhados em diversos pontos da Terra. Pensamos estar em condições de

analisar os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece. Esse tipo de observação é que nos tem guiado até hoje e é, também, ele que nos guiará através dos novos campos que o Espiritismo será chamado a explorar.

Estudando atentamente as comunicações vindas de diversas partes, tanto da França quanto do exterior, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que existe uma tendência para se entrar em um novo caminho, e que chegou o momento de dar um passo à frente. Essas revelações, às vezes feitas com palavras veladas, passaram quase sempre despercebidas por aqueles que as receberam. Muitos acreditaram tê-las recebido de maneira exclusiva. Tomadas isoladamente, elas não teriam nenhum valor para nós, pois *apenas a coincidência com outras revelações é que lhes garante a seriedade*. Depois, quando chega o momento de publicá-las, cada médium se lembrará de já haver recebido instruções com o mesmo conteúdo. Esse movimento geral, de receber diversas mensagens provenientes de vários lugares, é que nos faz observar e estudar, para julgar a validade de publicar, ou não, um ensinamento, sempre com a assistência de nossos guias espirituais.

É nesse *controle universal* que está a garantia para a unidade futura do Espiritismo, e é ele que anulará todas as teorias contraditórias. Daqui para frente, é nesse controle que se encontrará o critério da verdade. O que determinou o sucesso da aceitação da Doutrina formulada no *Livro dos Espíritos* e no *Livro dos Médiuns* foi o fato de que, em toda parte, qualquer um pôde receber, diretamente dos Espíritos, a confirmação dos ensinamentos que esses livros contêm. Se os Espíritos tivessem vindo de todos os lugares para contradizer esses livros, eles já teriam, há muito tempo, sofrido o destino de todas as criações fantasiosas. Nem mesmo o apoio da imprensa poderia salvá-los do naufrágio. Porém, mesmo sem contar com esse apoio, eles rapidamente abriram seus caminhos e avançaram com segurança. Isso ocorreu porque eles tiveram o apoio dos Espíritos, cuja boa vontade compensou, em muito, a

má vontade dos homens. Assim acontecerá com todas as ideias que vierem dos Espíritos ou dos homens, e que não puderem suportar a prova do controle universal, cujo poder a ninguém é lícito contestar.

Imaginemos que um Espírito dite um livro com um nome qualquer, usando comunicações falsas, agressivas e sem nenhuma autenticidade, somente com o propósito de desacreditar a Doutrina Espírita. Que influência poderia exercer esse livro, se ele fosse desmentido em todos os lugares pelos Espíritos? Antes de alguém lançar uma teoria em seu nome, é preciso estar seguro da assistência dos Espíritos. A distância entre a teoria de uma só pessoa e a teoria de muitas equivale à distância que vai da unidade ao infinito.

O que podem conseguir os argumentos dos difamadores sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, vindas do espaço, de todos os cantos do Universo e do seio de cada família, estão a contradizer esses difamadores e a confirmar os princípios espíritas com clareza?

Sobre esse assunto, já não foi a teoria confirmada pela experiência? Em que se transformaram todas essas publicações que deveriam destruir o Espiritismo? Qual delas conseguiu, pelo menos, lhe diminuir a marcha? Mesmo essa questão sendo séria, até hoje não se deu muita importância para tais publicações, pois cada um desses difamadores contou consigo mesmo, e não com os Espíritos sérios.

Não há dúvida de que o princípio da concordância é uma grande garantia contra as alterações que as seitas, em proveito próprio, pretendessem introduzir no Espiritismo, apoderando-se de seus conceitos e utilizando-os a seu bel-prazer. Quem quer que tentasse desviar a Doutrina Espírita de seu objetivo principal, fracassaria, pela simples razão de que os Espíritos, pela universalidade de seus ensinamentos, fariam cair por terra qualquer modificação que se afastasse da verdade.

De tudo isso, resulta uma verdade fundamental que é a seguinte: todo aquele que quiser se colocar contra a corrente de ideias, estabelecidas e aprovadas pelo Espiritismo, poderá causar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais dominar o conjunto de opiniões, nem no presente e, muito menos, no futuro.

Disso resulta também que as *instruções* dadas pelos Espíritos sobre os pontos ainda não elucidados da Doutrina Espírita não constituem Lei, enquanto permanecerem isoladas, só devendo ser aceitas, com todas as reservas, a título de informação.

Daí a necessidade de se ter a maior prudência na publicação dessas instruções. Uma vez entendendo que elas devam ser publicadas, é importante apenas apresentá-las como opiniões individuais, mais ou menos prováveis de serem corretas e precisando, sempre, de uma confirmação. É preciso aguardar essa confirmação antes de se apresentar um princípio como verdade absoluta, se não quisermos ser acusados de levianos por acreditarmos nas coisas sem examiná-las a fundo.

Os Espíritos superiores procedem com extrema prudência e sabedoria quando é necessário fazer uma revelação. Eles só abordam as grandes questões da Doutrina Espírita de forma lenta e gradual, quando entendem que a inteligência do Homem está apta a compreender as verdades de uma ordem mais elevada, e quando as circunstâncias se encontram propícias para que uma nova ideia seja revelada. É por isso que eles não disseram tudo, desde o princípio, e continuam sendo prudentes até hoje, não cedendo à impaciência dos apressados que querem colher os frutos antes que eles estejam maduros. Portanto, é inútil querer antecipar o tempo marcado pela Providência para que as coisas aconteçam. Os Espíritos verdadeiramente sérios ignoram esse apelo, enquanto que os Espíritos levianos, por não terem nenhum compromisso com a verdade, se dispõem a tudo responder. É por esta razão que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Esses princípios não são o resultado de uma teoria pessoal, mas a consequência natural das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente concluir-se que, se um Espírito diz uma coisa em um lugar, enquanto milhões dizem o contrário em outros lugares, a verdade não pode estar com aquele que ficou sozinho. Ora, seria tão ilógico da parte dos Espíritos, como da parte dos homens, alguém pretender ter razão contra todos.

Quando os Espíritos verdadeiramente sábios não se acham suficientemente esclarecidos sobre uma questão polêmica, nunca a exibem de maneira definitiva; afirmam abordá-la apenas do seu ponto de vista e eles mesmos aconselham que se aguarde uma confirmação.

Por mais grandiosa, bela e justa que seja uma ideia, é impossível que ela reúna, desde o início, todas as opiniões a seu favor. As divergências que surgem ao redor da nova ideia são as consequências inevitáveis do movimento que ela desencadeia. Elas são necessárias para melhor ressaltar a verdade, e é muito útil que ocorram no início do movimento, para que as ideias falsas sejam postas de lado o mais rápido possível. Os Espíritos que têm algum temor por conta disso devem tranquilizar-se, pois todas as pretensões isoladas cairão diante do grande e poderoso critério da concordância universal.

Não será pela opinião de um homem que se estabelecerá a união, mas sim pela voz unânime dos Espíritos. Não será um homem, muito menos a nossa opinião ou de qualquer outro, que fundará a ortodoxia espírita, ou seja, uma doutrina pronta e acabada, que não necessita receber novos conhecimentos; tampouco será um Espírito vindo se impor a quem quer que seja. A união será estabelecida com os Espíritos se comunicando por toda Terra, sob as ordens de Deus. Esse é o caráter essencial da Doutrina Espírita, essa é a sua força e a sua autoridade, pois Deus quis que Sua Lei fosse assentada sobre uma base inabalável. Foi por isso que Ele não colocou a responsabilidade sobre a cabeça frágil de um único homem.

É diante desse poderoso *tribunal de sabedoria* que todas as oposições e todas as pretensões de supremacia individual serão desfeitas. Porque esse tribunal desconhece os círculos sociais interesseiros, as rivalidades invejosas, as seitas e as vaidades patrióticas. *Nós mesmos nos destruiríamos se quiséssemos substituir seus decretos soberanos por nossas próprias ideias.* Apenas ele resolverá todas as questões que não foram esclarecidas, calará as dissidências e dará razão a quem tem.

Diante desse grandioso acordo entre os Espíritos superiores, o que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos que uma gota d'água que se perde no oceano, menos que a voz de uma criança abafada pela tempestade.

Tribunal de sabedoria – Kardec referia-se a **todos os Espíritos de ordem superior**, que vieram dar sua contribuição no sentido de revelar e divulgar a Doutrina Espírita.

O juiz supremo é a opinião universal, aquela que se pronuncia em última instância. A opinião universal é formada pela reunião de todas as opiniões individuais. Se uma opinião é verdadeira, ela tem apenas um peso relativo na balança, se ela é falsa, não pode prevalecer sobre as demais. Nessa imensa assembleia, as individualidades desaparecem, o que constitui uma nova derrota para a vaidade e o orgulho dos homens.

Esse conjunto harmonioso já se desenha, e esse século não passará sem que ele resplandeça com todo o seu brilho, de modo a eliminar todas as incertezas. Daqui para frente, Espíritos importantes receberão a missão de se fazerem ouvir, reunindo os homens sob uma mesma bandeira, desde que o campo esteja suficientemente preparado. Enquanto isso, aquele que estiver indeciso entre dois sistemas opostos poderá observar em que sentido está caminhando a opinião geral. Essa observação será uma indicação segura, pois apontará o caminho para onde está indo a